

## Reprodução capitalista e globalização: a supressão do pré-capitalismo

Paulo Balanco<sup>1</sup>

Um dos elementos fundamentais da dinâmica capitalista é a *desigualdade*. Esta não corresponde apenas ao resultado da apropriação da riqueza como norma distributiva deste modo de produção, mas, antes de tudo, diz respeito a uma lógica de funcionamento enquanto totalidade sistêmica. Quer dizer, a reprodução do capitalismo somente acontece mediante um determinado princípio, ou lei econômica, conhecida entre os marxistas como *lei do desenvolvimento desigual e combinado*. Não é possível a este sistema econômico operar segundo uma diretriz cujas conseqüências seriam o desenvolvimento homogêneo dos espaços onde suas relações penetram. Portanto, em qualquer tempo, considerando-se um determinado ponto de partida histórico, o sistema capitalista incorpora em seu interior, simultaneamente, desenvolvimento e subdesenvolvimento. E, admitindo-se uma perspectiva histórica em que elementos deletérios típicos do capitalismo pudessem ser superados, como a pobreza, a exclusão e a instabilidade, mesmo assim, persistiria, em termos relativos, a relação de dependência entre desenvolvimento e subdesenvolvimento.

Na maior parte do tempo, desde que se definiu como o modo de produção dominante sobre a humanidade, o desenvolvimento do capitalismo aconteceu mediante uma totalidade cujas partes constituintes apresentavam-se como nações, países e Estados capitalistas e pré-capitalistas. Conseqüentemente, a partir de determinado momento de sua história, a humanidade passava a viver sob este novo modo de produção, muito embora uma parte considerável da mesma não se encontrasse em países ou espaços geográficos estritamente capitalistas, mas, na verdade, sob controle deste.

Com o advento do capitalismo passa-se a ter um conjunto de relações de produção cuja tendência é a de penetrar inexoravelmente em todos os espaços do planeta. Foi o que aconteceu paulatinamente desde que ocorreu a cristalização das relações capitalistas no solo pioneiro da Inglaterra quando da fixação da grande indústria em superação à manufatura.

Entretanto, em que pese possa ser afirmado categoricamente que, a partir de meados do século XIX, já se definira um mercado mundial capitalista, portanto, se constituíra uma estrutura sistêmica dotada de um centro, regiões periféricas e uma escala hierárquica, a relação desenvolvimento-subdesenvolvimento permaneceu dentro de um quadro cujas nações continuaram caracterizadas como capitalistas e pré-capitalistas. Seria somente a partir de meados da década de 1970 que a penetração das relações capitalistas se expandiria em condições suficientes para abolir o pré-capitalismo.

Tal situação tornou-se possível em virtude da eclosão da crise de grande envergadura que atingiu o capitalismo com o fim da fase expansionista da onda longa de desenvolvimento iniciada a partir da Segunda Guerra mundial. O esgotamento do período de acumulação dos “anos dourados” conduziu o capital a percorrer uma nova rota no sentido da recuperação das taxas de lucro e de acumulação que haviam recuado drasticamente. Abre-se, desta forma, um novo período na história do capitalismo, marcado por grandes transformações, entre as quais, destaca-se a introdução de novos mecanismos de integração dos espaços econômicos nacionais ao mercado mundial, o que acabou por abolir definitivamente os últimos resquícios de pré-capitalismo. Por essa razão, pode ser afirmado que a globalização em seu estágio mais recente representa a inauguração de uma época na qual - ainda com a categoria “nação” mantida em um patamar de grande importância na totalidade capitalista - todos os espaços nacionais devem ser denominadas categoricamente pelo termo “nação capitalista”.

Com isso, procura-se afirmar a tese de que o capitalismo contemporâneo completou um processo de expansão cujo objetivo representava a eliminação das relações pré-capitalistas subsidiárias vigentes durante a maior parte do tempo de domínio do modo de produção capitalista. Perseguindo este objetivo, e considerando o grau de complexidade que cerca esta

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Teoria Econômica e do Curso de Mestrado em Economia da Universidade Federal da Bahia

problemática, metodologicamente, aloca-se o objeto aqui destacado em uma *dialética da globalização*. Então, aceitando-se a tese que associa a globalização às transformações do capitalismo, procurar-se-á localizar os parâmetros que confirmam a transformação da totalidade capitalista de um conjunto constituído por **nações capitalistas e pré-capitalistas** para um conjunto formado por **nações capitalistas desenvolvidas e subdesenvolvidas**.

A aplicação particular das categorias do materialismo histórico ao estudo da sociedade capitalista condiciona a fixação dos pressupostos que permitem o desenvolvimento da investigação desta economia, sobretudo no que concerne às suas leis de funcionamento e reprodução. Assim, podemos afirmar que o materialismo histórico pode ser empregado, considerando a utilização do método da abstração, em dois planos no sentido do estudo do desenvolvimento do capitalismo. Num primeiro momento, apresenta-se como teoria útil para o entendimento do longo processo que desaguou na sociedade burguesa. Corresponde a um arcabouço conceitual que define o humano como um fundamento sócio-histórico próprio da atividade praticada para a garantia da sobrevivência, a qual está sempre sujeita à mudança. Em um segundo momento, constatado o modo de produção capitalista como uma sociedade concreta decorrente dessa transformação, utiliza-se o método da Economia Política para caracterizar internamente o capitalismo como um processo e um sistema governado por determinadas leis econômicas reveladoras de sua própria *endogeneidade*.

A agressividade do capital no último quarto do século passado, procurando recompor as taxas de lucro deprimidas como consequência do fim do período de acumulação inaugurado no fim da Segunda Guerra, veio acompanhada de um amplo e profundo processo de transformação da economia capitalista mundial. Lançando mão do desenvolvimento analítico aqui efetivado, denomina-se este período como uma quarta etapa da globalização experimentada pelo capitalismo ao longo de sua história.

Foi exatamente neste período, decorrente do retrocesso acima mencionado, que as poderosas forças do capital levaram a efeito a conclusão do processo de integração das regiões pré-capitalistas remanescentes ao mercado mundial e diretamente ao mecanismo reprodutor deste sistema em condições estritas. Porém, antes da eclosão da crise dos anos 1970, o capitalismo havia percorrido uma trilha de desenvolvimento na qual a penetração nas regiões atrasadas (pré-capitalistas) também se processara como comportamento regular próprio da sua reprodutibilidade.

Afirma-se aqui também que as transformações capitalistas podem ser equiparadas à globalização, que não é outra coisa senão a concretização da tendência e da necessidade do capitalismo à expansão geográfica de suas relações fundamentais. Assim, tanto em condições caracterizadas pela prosperidade, quanto nos períodos em que experimenta situações recessivas, o capitalismo continua a se expandir e a modificar sua própria totalidade. Portanto, nada mais ordinário que a supressão definitiva do pré-capitalismo, ocorrendo no último quarto do século XX, tenha ocorrido em condições sobrejamente difíceis para manter seu mecanismo reprodutivo operando num ambiente em que a crise tende a se perpetuar.

Nesse sentido, se admitirmos que a globalização, de *per se*, pode ser equiparada a uma *lei* estrutural do capitalismo, portanto, também acionada para a viabilização dos elementos contrariantes da queda da taxa de lucro, poder-se-ia caracterizar o atual processo de mudanças, na qual está presente a incorporação ampla das regiões antes pré-capitalistas ao mercado mundial, como uma reação equivalente àquelas ocorridas em períodos passados como movimentos de contra-tendência.

Por fim, é necessário afirmar que este mesmo processo não pode ser consolidado sem que o capitalismo preserve um de seus fundamentos estruturais mais importantes, qual seja, a desigualdade. Assim sendo, enquanto esse sistema elimina os espaços pré-capitalistas, concomitantemente mantém e aprofunda o subdesenvolvimento. Somente diante de tal resultado seria possível afirmar que a homogeneização, representada pela disseminação generalizada das relações sociais burguesas, tem como contrapartida uma totalidade heterogênea, a qual devemos denominar de capitalismo desenvolvido e capitalismo subdesenvolvido.